

## OS FRANCISCANOS DO ATONEMENT E A PASTORAL DE ECUMENISMO NA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO (1977-1994)<sup>1</sup>

EDISON MINAMI<sup>2</sup>.

Os *Franciscanos do Atonement* (reconciliação numa tradução para o português) são uma importante etapa do movimento ecumênico<sup>3</sup> por terem sido os originais criadores da *Oitava da Cátedra pela Unidade*, primeiro esboço do que seria a *Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos*.

Fundados pelo reverendo episcopal anglicano Paul James Francis<sup>4</sup> (mais tarde Pe. Paul Wattson) defensor da unidade de católicos, episcopais anglicanos e ortodoxos gregos em busca da fundação da chamada 'Igreja Católica', fusão das três Igrejas. Em 1898, juntamente com a Irmã Lurana White, fundaram os Franciscanos do Atonement na localidade de Graymoor, estado de Nova Iorque. Vale notar que ainda pertenciam a Igreja Episcopal Anglicana.

Em 1909, como resultado de toda uma simpatia junto a Igreja católica foram recebidos na Igreja Católica Romana:

“A resposta da santa Sé chegou a Graymoor a 7 de outubro, dia da Aliança da Sociedade. Imediatamente, fizeram-se os preparativos para a admissão das duas comunidades no seio da Igreja. A 30 de outubro de 1909, cheios de alegria e gratidão, Pe. Paulo, Irmã Lurana e mais 15 pessoas prometeram obediência ao Papa. Fizeram a profissão de fé perante o Monsenhor José Conroy, assistido pelo Pe. Pascoal Robinson, OFM. Em certo sentido este é o dia da fundação da Sociedade da Reconciliação.

Foi o dia mais importante na história da Sociedade da Reconciliação. O que mais tocou os membros foi a permissão de conservar o mesmo nome e o hábito religioso, manter seus objetivos de instituto religioso, de trabalhar pela unidade e publicar a revista O Luzeiro. No dia seguinte, a nova comunidade católica recebeu, pela primeira vez, a santa comunhão das mãos do Pe. Frei Pascoal”<sup>5</sup>.

Poucas vezes na História da Igreja um episódio tão curioso se repetiu. Irmãos e irmãs religiosos, leigos e até crianças faziam parte desse heterogêneo grupo que em peso foi aceito na Igreja Católica por vontade do papa Pio X.

Mas o ponto em que nos vamos prender agora é o da iniciativa mais original de Paul James Francis e seus companheiros: a *Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos*, no começo chamada de *Oitava pela Cátedra pela Unidade*, que antecedeu em alguns anos a conversão ao catolicismo.

Paul Wattson e Spencer Jones, um reverendo episcopal inglês queriam uma novena para celebrar a unidade dos cristãos junto ao Papa Romano. O próprio Pe. Paul Wattson nos explica como teve a idéia da Semana:

“Depois de rezar e refletir muito, veio-me o pensamento da Oitava pela unidade da Igreja como algo premente, e então escrevi que pretendia começar a Oitava da Cátedra da Unidade a partir da festa da Cátedra de São Pedro, 18 de janeiro até à festa da Conversão de São Paulo, 25 de janeiro. A Oitava consistiria em oito dias de orações pela unidade da cristandade’. E em defesa da própria inauguração como movimento seu, acrescentou: ‘O nome, o objetivo e o tempo tiveram suas origens aqui, em Graymoor’”<sup>6</sup>.

A contribuição de ambos para o ecumenismo foi o de terem criado uma seqüência completa de orações pela Unidade. Paul Wattson e Spencer Jones indubitavelmente foram originais nessa proposta e seus papéis dentro da história do Ecumenismo merecem ser mais bem apreciados pela historiografia do ecumenismo. O teor francamente proselitista da Oitava pela Unidade impedia a adesão de cristãos de outras Igrejas, até que na década de vinte surge a *Semana Universal pela Unidade dos Cristãos* do Pe. Paul Couturier, de Lion, França.

Há algumas diferenças visíveis entre os dois modelos de oração: o modelo de Paul James Francis delimita a Semana entre os dias 18 a 25 de Janeiro: os dias da Cátedra de São Pedro e a festa de São Paulo Apóstolo, numa clara referência a figura do chefe romano da Igreja. Por outro lado o modelo de Paul Couturier escolhe os oito dias antes da festa de Pentecostes – o dia em que os Apóstolos receberam o Espírito Santo, numa referência a comunidade de todos os cristãos<sup>7</sup>.

Pierre Michalon, um dos peritos conciliares que prepararam o decreto sobre o ecumenismo criticou duramente o ecumenismo dos franciscanos do atonement:

“(...) essa ‘Semana’ foi, primeiro que tudo, uma oitava de intercessão para a volta das outras Igrejas à Sé de Roma. Fora fundado pelo Revdo. Watson, episcopaliano ianque, com sua comunidade, de pastores do ‘Atonement’, e por Spencer Jones, anglicano. É preciso reconhecer, não receberam atenção exceto no meio católico e em alguns círculos papistas anglicanos. Watson tornou-se católico com toda a sua comunidade”<sup>8</sup>.

Em meio a essas polêmicas as Constituições dos franciscanos do atonement são aprovadas em 1960<sup>9</sup>. Após o encerramento do Concílio Vaticano II vem a ordem do papa Paulo VI às congregações religiosas de atualizar seus estatutos. Essas atualizações são aprovadas em 1972, durante o Capítulo Geral da Ordem. Nesse atual texto, encontramos a seguinte passagem que revela muito do carisma dos Franciscanos da Reconciliação:

“(...) we seek to proclaim the gospel of the Atonement through our evangelical witness, apostolic ministry and service. Our foundational charism, perceived through the Franciscan style of life, is centered in the mystery of the Atonement, the saving work of Christ reconciling all to the Father through the Holy Spirit. This charism is manifested in the ministry of the friars in fidelity to the truth that ‘We joy in God through our Lord Jesus Christ by whom we have now received the atonement’ (Rom 5:11 KJV)”<sup>10</sup>.

Como pudemos ver, o testemunho da reconciliação (Atonement) é o ponto chave da existência da Congregação. Como o mesmo documento diz:

“We proclaim the reign of God already present, but yet to be fulfilled, in the at-one-ment of all peoples in Christ”<sup>11</sup>.

Ao tratar da vida apostólica, as Constituições fecham com um belo comentário sobre o papel dos Franciscanos da Reconciliação no mundo:

“This vision becomes a reality in those works which promote the universal call to holiness of all Christians, Christian Unity, Interfaith Cooperation and in the proclamation of the Good News of the reign of God to those who have not received it”<sup>12</sup>.

Nessa mesma época os franciscanos decidem iniciar o trabalho missionário na América Latina, em particular no Brasil.

D. Benedito Domingos Coscia, OFM, bispo de Jataí, Goiás, escreveu uma carta ao Ministro Geral D. Bonaventure Koelzer solicitando pessoal para atuar na sua diocese. Os contatos duraram cerca de um ano, até que em fins de 1963 chegam os primeiros frades.

Um dos poucos documentos que descrevem pormenorizadamente o período do trabalho em Goiás é o artigo de Frei Malcolm Martin, *Brazil: foundation and ecumenism – personal reflections of Fr. Malcolm Martin SA*, publicado em 1997 na revista *Heritage*, editada pelos Franciscanos da Reconciliação.

De acordo com Frei Martin a maioria dos Franciscanos, tanto do ramo masculino quanto no feminino chegaram no ano de 1963 e 1964, passando por um período de adaptação em Petrópolis, onde estudavam conversação em português. Após seis meses de treinamento, eram enviados ao sul de Goiás.

Frei Martin mostra o quanto os frades estavam despreparados para a tarefa que estava por vir. Ele lembra que os frades vinham de grandes cidades (como New York, Boston) altamente urbanizadas o que provocou problemas de adaptação, como de fato ocorreu. Não gostavam da comida (arroz com feijão), a poeira que estragava hábitos e roupas, do clima sufocante, do sertão, das longas distâncias a serem percorridas.

O grande problema apontado por Frei Malcolm Martin foram as tentativas de normatização da religiosidade popular, consideradas bastante anárquicas e retrógradas. Não saberíamos dizer no momento se havia um esforço de

romanização do catolicismo popular dos frades do atonement. A nós parece simplesmente que eles não estavam preparados para atender esses paroquianos.

Frei Martin descreve diversos casos: o costume de levar e abençoar animais na Igreja, o de se sentar sobre jornais durante a missa, a língua. Transcrevemos a seguir um dos casos mais prosaicos descritos por Frei Martin:

“It was customary to hear confessions before the Sunday Masses. (...) This particular Sunday a Friar is hearing confessions while people are coming in for Mass. This man comes to the confessional, kneels down and begins to confess his sins. He is speaking very loud. Concerned that others will overhear his confession the Friar interrupts saying: ‘Lower, lower’. The man stops for a moment then begins again. It is still too loud. Again the Friar says: ‘Lower, lower’. The man stops again and begins a second time. It is still too loud though his voice now seems a bit strained. The friar once more says: ‘Lower, lower’. Once again the man stops. When he begins this time he is grunting, his voice sounds very strained and he’s speaking with difficulty. At this point the friar leans from his chair and looks around to the other side of the screen. Lo and behold, there is the man lying on the floor”.<sup>13</sup>

Para uma região escassamente atendida religiosamente, o trabalho dos franciscanos do atonement foi muito importante.

Em 1973 os franciscanos do atonement oficializaram o convênio com a diocese de Jataí. Nesse mesmo ano eles iniciaram contatos com o arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns. Foi durante uma visita dos frades a sede da CNBB no Rio de Janeiro onde eles conheceram o Pe. Paulo Homero Gozze, SSS, que era o responsável pela Comissão de Ecumenismo da Arquidiocese (CEA). O próprio Pe. Gozze nos explica como se deu o convite para os franciscanos do atonement virem a São Paulo:

“Fui eu mesmo que pedi [que viessem] quando tomei conhecimento da existência dessa Congregação. Eles estavam perdidos lá em Goiás, com trabalho missionário e tudo: Jataí, Rio Verde.

Eu falei com D. Paulo [Evaristo Arns]: “*Olha, eu me dedico à pastoral, tenho minha congregação e me dedico às paróquias. Quem lida com paróquia não dá para ter uma dedicação integral. Precisamos de gente que não pegue em paróquia e que se dedique totalmente ao trabalho. E tem essa congregação...*”. [D. Paulo:] “*Ah, tá. Vê para mim*”. Eu fui lá em Rio Verde e Jataí, convencer o pessoal a abrir uma casa em S. Paulo. E eles vieram.

Era o desejo de D. Paulo Evaristo que tivéssemos gente que se dedicasse exclusivamente ao trabalho. Vindo para cá esses frades, como Frei Leonardo, só faziam isto: ecumenismo. Passavam o dia pra cá e pra lá telefonando, visitando... Então fundaram a *Casa da Reconciliação*, sustentada inclusive pela congregação na época.

(...) Naquele tempo quem ajudasse, ótimo. Se não ajudasse, a congregação mantinha. Vinham os dólares dos EUA. Realmente se não fossem eles nós não teríamos o que nós temos hoje em S. Paulo.

O que D. Paulo desejava fazer nessa área do ecumenismo foi à Casa da Reconciliação que fez e que foi o grande braço direito do cardeal. Todo o trabalho que vimos foi Frei Leonardo e o pessoal dele que foi abrindo, abrindo, abrindo... Em muitas atividades fomos nós que demos o grande impulso para os vários tipos de diálogos em todos os níveis: cristão e não-cristão. Foram esses frades que fizeram isso”<sup>14</sup>.

Nessa época já existia a CEA (*Comissão de Ecumenismo da Arquidiocese*), criada ainda em tempo do Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi para iniciar os trabalhos ecumênicos em São Paulo e os franciscanos eram os religiosos certos para assumir esse trabalho. Como pudemos notar no trecho acima, a Casa da Reconciliação era mantida com recursos vindos do exterior, o que ajudou e muito o desenvolvimento do trabalho em prol do ecumenismo.

Além disso a presença de D. Paulo Evaristo Arns (1970-1998) foi um elemento catalizador do pensamento e prática da Igreja Popular e Progressista na arquidiocese de São Paulo<sup>15</sup>.

Com a inauguração da *Casa da Reconciliação*, a sede dos franciscanos do atonement em 1982 e o acordo com a arquidiocese, os frades promovem uma nova fase no desenvolvimento do movimento ecumênico na cidade, pois além de ministrarem cursos em seminários, promoviam palestras abertas a interessados, visitavam reverendos e pastores,

celebraram casamentos e formaturas dentro de um espírito ecumênico. Mas o ponto alto foi a criação dos Regionais, que abriram para a participação dos leigos.

Com a criação do regional de Santana em 1984 o CEDRA passou a incentivar o surgimento de outros regionais: Ipiranga, Santo Amaro, Sé, Belém, São Miguel Paulista, Osasco, Lapa, além de suas subdivisões, que procuravam ligar os fiéis de diversas Igrejas com a pastoral ecumênica empreendida pela Igreja Católica. Com algumas oscilações, esse trabalho prossegue até hoje, mesmo após a saída dos franciscanos do atonement de São Paulo.

Pe. José Bizon, atual diretor da Casa da Reconciliação, assim resumiu o trabalho dos franciscanos do atonement:

*“No trabalho do diálogo, eles reestruturaram a CEA que era Comissão Ecumênica arquidiocesana, e se tornou mais tarde a Comissão de Ecumenismo e Diálogo Religioso da Arquidiocese de SP. Depois fundando também o MOFIC que começou com quatro Igrejas e depois mais para frente entraram mais duas Igrejas<sup>16</sup> dentro dessa dimensão. Então isso sempre foi muito importante a atuação.*

*Também o início do Diálogo da Comissão Anglicana Católica, a Comissão Nacional também foi com a presença deles a articulação, e também a Comissão do Diálogo Judeu-Católico.*

*De modo particular com Frei Leonardo, ele estava à frente do ecumenismo aqui na arquidiocese de SP, mas ele que era o responsável e a pessoa de confiança do Cardeal. Então sempre tem um padre à frente de uma atividade ou outra”<sup>17</sup>.*

Curiosamente no arquivo da Casa da Reconciliação alguns documentos coletados apontam para o desinteresse dos fiéis das Igrejas atendidas pelo ecumenismo. Por outro lado, na maior parte das entrevistas, esse desinteresse não aparece. A única exceção foi a entrevista com o cardeal emérito de São Paulo, D.Paulo Evaristo Arns, que reconheceu o curto alcance da proposta ecumênica junto aos fiéis:

*“De modo geral eu vejo muito boa vontade na alta direção de todos os movimentos diferentes do Cristianismo, mas o povo não participa muito do ecumenismo e não há muito interesse pelo ecumenismo. Eu acho que a alta camada se interessa muito, mas o povo mesmo participa muito pouco e infelizmente nas grandes semanas ecumênicas e nas festas e nos movimentos ecumênicos, como agora vamos ter sobre o jornalista morto no Rio, vem pouco público. Vem muita gente da alta direção, mas muito pouco povo. Eu espero que o povo entenda que o ecumenismo é para todos e é um movimento cheio de esperança e cheio também de promessa”<sup>18</sup>.*

Um ponto de particular importância foi a procura de postulantes. Aqui se destaca o papel de Frei Leonardo Martin e Frei Thomas Gumprecht, responsáveis pela seleção dos candidatos, que infelizmente não conseguiram mais do que um único vocacionado como Frei Leonardo Martin comenta em carta:

*“Chegamos a fazer esta mudança devido diversas circunstâncias. Primeiramente, temos menos vocações nesses últimos anos. Também nos EUA há muitos latinos e orientais que requerem atenção pastoral. Os nossos freis estão aprendendo espanhol, japonês, ou outra língua para melhor atender esta gente. Assim, não há necessidade de sair fora para atender ‘estrangeiros’ e aqueles que falam outras línguas. Ao mesmo tempo, facilita para eles ficarem no próprio país, dentro da própria cultura. Mais ainda, somos só dois aqui no Brasil agora. Os outros Freis, ou ficaram doentes e voltaram para os EUA, ou deixaram a Congregação. ‘Demos’ cinco freis para a Igreja do Brasil. São diocesanos. No trabalho vocacional, não tivemos bom êxito. Nos resta somente só um jovem Brasileiro. Ele está estudando teologia em Roma. Não sei se vai ficar conosco quando sairmos do Brasil”<sup>19</sup>.*

Como percebemos claramente no trecho acima, uma série de fatores conspiraram para o encerramento da missão dos franciscanos do atonement. Ainda não dispomos de análises mais detalhadas que comprovem se foram mesmo esses fatores que causaram a partida deles do Brasil, embora fortes indícios apontem nessa direção.

O fato é que a saída deles de São Paulo encerrou uma etapa importante na história do ecumenismo na Arquidiocese de São Paulo, do mesmo modo a saída de D.Paulo Evaristo Arns quatro anos depois, substituído devido ao limite de idade por D.Cláudio Hummes.

Podemos provisoriamente explicar as dificuldades encontradas pelos frades em difundir a mensagem ecumênica pelo simples fato de ele não ser atraente, pelo menos em princípio. O próprio decreto sobre ecumenismo *Unitatis Redintegratio* ao destacar a formação de especialistas deixa implícito que não estamos trabalhando num movimento de massas:

“(...) em seguida, o ‘diálogo’ iniciado entre peritos e competentes nos encontros de Cristãos de diversas Igrejas ou Comunidades organizados em espírito religioso. Ali cada qual explica mais profundamente a doutrina da sua Comunhão e apresenta perspicuamente suas características. Com este diálogo todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e uma avaliação mais adequada da doutrina e da vida de uma e outra Comunhão”<sup>20</sup>.

Completando essa análise, é preciso lembrar também que o Diretório Ecumênico de 1993, e que é o que esta em vigor, nos lembra que muitas iniciativas dentro do campo ecumênico são inéditas, sem um pressuposto ou experiência anterior para apoiar:

“As situações de que o ecumenismo se ocupa não tem muitas vezes precedentes, variando de lugar para lugar e de época para época”<sup>21, 22, 23, 24</sup>.

<sup>1</sup> Trabalho a ser apresentado no XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH, a ocorrer entre os dias 27 de julho a 1 de agosto de 2003 na Universidade Federal da Paraíba - Campus I, João Pessoa, PB.

<sup>2</sup> Mestrando pelo programa de História Social do DH – FFLCH – USP.

<sup>3</sup> Um desafio no nosso trabalho foi definir com um mínimo de precisão os termos ecumenismo, movimento ecumênico, diálogo ecumênico, pastoral de ecumenismo. De acordo com Juan Bosch Navarro em seu livro *Para compreender o ecumenismo* (São Paulo, Loyola, 1995) os termos referidos são muito escorregadios, o que dificulta e muito a definição. Movimento ecumênico pode ser definido da seguinte forma: “(...) falando mais estritamente, entendemos por movimento ecumênico as atividades de caráter institucional e organizativo, de cunho interconfessional visando uma maior unidade visível da Igreja, para que o testemunho do Evangelho seja crido”. ‘Guia ecumênico, in: *Col. Estudos da CNBB, No. 21*. São Paulo, Paulinas, 1979. p. 178

<sup>4</sup> Era norte americano, nascido em 1863 em Millington, Condado de Kent, Maryland, sendo filho de pastor episcopal. Cedo despertou interesse pela vida clerical, provavelmente devido a influência do pai. Ordenou-se pastor episcopal em 1885 na St. Paul’s Church em Centerville, Maryland aos 23 anos de idade (a idade mínima era 24 anos) e a primeira paróquia que dirigiu foi a Igreja Episcopal de *St. John em Kingston, New York*. Francis esperava pelo reconhecimento das ordenações anglicanas pela Igreja Católica Romana o que não ocorreu. Em 1893 o papa Leão XIII publicou a bula *Apostolicae Curae et Caritatis* (13/09/1896). As ordenações anglicanas daí em diante foram consideradas inválidas pela Igreja Católica, embora Paul James Francis fosse dos que acreditasse numa revisão do processo.

<sup>5</sup> CRANNY, Titus. *Padre Paulo – apóstolo da Unidade*. Petrópolis, Vozes, 1966. p. 48-49.

<sup>6</sup> Op. Cit. p. 42.

<sup>7</sup> Vejamos como Cranny critica a proposta de Couturier: “Os autores louvaram o Abade Couturier da Arquidiocese de Lyon, por ter mudado as orações e as intenções. Ele é considerado como ‘uma das grandes figuras ecumênicas que de tempo em tempo surgem na Igreja Católica Romana’. Parece, porém, que a insistência do Pe. Paulo nos princípios do papado e nas suas intenções de rezar pelos que vivem fora da Igreja para que se tornem seus membros, é espiritualmente mais poderosa, doutrinariamente mais aceitável e pastoralmente mais promissora. (...)”. (Op. Cit. p. 79). Em outra referência, ele comenta o seguinte: “Em conferências aos frades, o Pe. Paulo freqüentemente relembra a vocação que abraçaram: ‘Sabemos que um dos principais motivos para o qual o nosso Instituto foi chamado à existência é o de colaborar para cumprir a oração de Nosso Senhor, na noite da traição, quando pediu ao Pai: ‘Que todos sejam um...’ O fundador não hesitou em profetizar que ‘na plenitude dos tempos, quando Deus reconduzir os hereges do século XVI..., nossa Sociedade será chamada a *reparadora da chaga*’. Ainda mais: ‘Os Frades da Reconciliação devem distinguir-se, não só por sua união com Pedro e como promulgadora da verdade, mas também como porta-vozes do Bom Pastor’”, in: Idem, *ibidem*. p. 80-81.

<sup>8</sup> Op. Cit. p. 107.

<sup>9</sup> “Dopo breve tempo fu ricevuta nell’Ordine francescano come comunità del Terz’ordine regolare, e il 25.7.1932 fu aggregata ai F.Minori. Nel 1951 ricevette il decreto di lode, e nel 1960 l’approvazione definitiva delle costituzioni”, in: PELLICCIA, Guerrino – ROCCA, Giancarlo. *Dizionario degli Istituti di Perfezione – IV – Figlie di Santa Teresa – Intreccialagli*. Roma. Edizione Paoline. 1977. 821-822.

<sup>10</sup> *Constitutions of the Franciscan Friars of the Atonement*. Art. 03. A citação da epístola de São Paulo aos Romanos é tirada da versão King James Version, ou KJV.

<sup>11</sup> *Constitutions of the Franciscan Friars of the Atonement*. Art. 07.

<sup>12</sup> *Constitutions of the Franciscan Friars of the Atonement*, Art. 79.

<sup>13</sup> Op, Cit. p. 10-11.

<sup>14</sup> Entrevista Pe. Paulo Homero Gozze, realizada no dia 18-7-02, na Igreja de Santo Antonio de Lisboa, Rua Silva Guimarães 236, Vila Ede, Zona Norte de São Paulo.

<sup>15</sup> Pe. Paulo Homero Gozze comenta sobre a importância de D. Paulo Evaristo: “Se D. Agnelo Rossi teve o mérito de abrir espaço na Igreja de S. Paulo para o ecumenismo, D. Paulo levou a coisa realmente a sério e aplicou mesmo. O tempo que ele ficou aqui, de 70 a 98, vinte e oito anos... Ele foi sempre um homem de vanguarda, que esteve à frente de toda e qualquer iniciativa ecumênica. Criou laços que não se apagam mais, coisas que não se desmancham. Esses laços de ecumenismo em S. Paulo onde ele sempre fez questão de participar (...). Mas D. Paulo nos 28 anos pôde afirmar e reafirmar a importância do ecumenismo. Ou somos ecumênicos ou a Igreja morre. E o ecumenismo é vida para a Igreja. Abertura e relacionamento com outros cristãos”.

<sup>16</sup> Pe. Bizon faz referência ao desenvolvimento do MOFIC em São Paulo. Ele surgiu em 1984 com o *Compromisso* assinado por representantes das seguintes Igrejas: Católica Romana, Episcopal Anglicana, Evangélica de Confissão Luterana e Metodista. Posteriormente em 1991, um novo Compromisso foi assinado contando com a participação das Igrejas Presbiteriana Unida e Igreja Armênia Oriental.

<sup>17</sup> Entrevista concedida em Entrevista com Pe José Bizon, atual diretor da Casa da Reconciliação, no dia 29-7-02, na referida Casa, Rua Afonso de Freitas, 704.

<sup>18</sup> Entrevista com D. Paulo Evaristo Arns, realizada na Igreja de São Francisco (ao lado da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 13/06/2002).

<sup>19</sup> ‘Carta de Frei Leonardo Martim a Frei Geraldo, de 27 de abril de 1994’, in: *Pasta “Cartas recebidas-expedidas”*. Arquivo da Casa da Reconciliação. São Paulo, SP.

<sup>20</sup> *Decreto Unitatis redintegratio sobre ecumenismo*, No. 4.

<sup>21</sup> *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. No. 30.